



Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo

II Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo  
Universidade Anhembi-Morumbi, 2 a 4 de julho de 2015

# Reportagem investigativa em quadrinhos: o caso da Agência Pública <sup>1</sup> Investigative comic report: the case of Agência Pública

Bruna de Faria  
Alessandra de Falco <sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo apresenta como a prática do jornalismo em quadrinhos tem sido desenvolvida pela *Agência Pública* para a fomentação do jornalismo investigativo. Para isto, foi realizada uma abordagem sobre a aplicação das reportagens em quadrinhos, como se deu o processo e como estas se apresentam. Buscou-se ainda destacar as potencialidades desse novo gênero para o fazer jornalístico contemporâneo, que reclama informação, imagem, contexto e interpretação. O resultado apresenta o processo de produção de conteúdo na agência de notícias brasileira.

**Palavras-Chave:** Jornalismo Investigativo. Histórias em quadrinhos. Agência Pública.

**Abstract:** This article presents how the practice of comic report has been developed by the *Agência Pública* for fostering investigative journalism. To this end, an approach on the implementation of comic report was done, how was the process and how they present themselves. It is also about the potential of this new genre to the contemporary journalism that claim for information, image, context and interpretation. The result shows the content production process in the Brazilian news agency.

**Keywords:** Investigative journalism. Comic report. Agência Pública.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no II Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo, realizado na Universidade Anhembi-Morumbi, cidade de São Paulo, entre 2 e 4 de julho de 2015.

<sup>2</sup> Bruna de Faria é estudante de Jornalismo na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), brunadefaria12@yahoo.com.br. Alessandra de Falco é docente de Jornalismo na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Pós-Doutoranda em Comunicação (Metodista), Doutora em educação (Unicamp), Mestre em Comunicação (Metodista), Especialista em Jornalismo Científico (Unicamp), foranda em Jornalismo (PUC-Campinas) e Letras (Unicamp), e-mail: alessandrafalco@ufsj.edu.br, <http://www.jornalismoufsj.com.br>.



Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo

II Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo  
Universidade Anhembi-Morumbi, 2 a 4 de julho de 2015

.....

## 1 Introdução

As histórias em quadrinhos (HQs) representam uma forma simplificada e imediata de comunicação, podendo ter um alcance significativo e inclusivo. Além disso, tal gênero, dentro da modalidade jornalística, representa uma contribuição de suma importância para a ampliação da informação através do contexto. No âmbito geral do Jornalismo, o uso das HQs como prática jornalística ainda é reduzido, no entanto, atualmente existem exemplos consistentes internacionais e nacionais, como Joe Sacco, nos Estados Unidos e Alexandre de Maio, no Brasil.

O teor de investigação, ainda que associado a um mistério ficcional, sempre esteve presente nos quadrinhos. Os gibis policiais e de super-heróis preservam essa linha editorial. Além disso, os recursos visuais que os quadrinhos usam, a construção da imagem, favorecem este tipo de abordagem. Neste sentido, aproveitar esta condição, e as ferramentas que o gênero oferece, pode ser uma possibilidade para produzir jornalismo investigativo em sua essência.

O jornalismo investigativo, segundo Pereira (*apud* VIEDO, 2010, p. 24), se baseia na “[...] busca da verdade escondida e na união dos fragmentos da realidade e estabelece relações entre eles”. A prática objetiva o questionamento do fato em todas as suas faces, visando o esclarecimento. Essa abordagem é mais comum na reportagem, pelo tipo de texto e, como os quadrinhos também estão inclusos na modalidade, o uso do recurso como investigação permite a ampliação visual e textual do acontecimento.

Utilizando os quadrinhos como reportagem investigativa é possível apresentar todos os detalhes da apuração jornalística. Nas reportagens da *Agência Pública*<sup>3</sup>, objeto de estudo deste trabalho, é notável a exploração desta capacidade. As HQs podem ampliar o processo de investigação, a partir da contextualização, e serem ainda mais esclarecedoras por permitirem a visualização do meio em que se encontra o repórter, além de mostrarem a construção da visão do cartunista.

---

<sup>3</sup>Disponível em: <http://apublica.org>. Acesso em: 22 jun. 2015.



Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo

II Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo  
Universidade Anhembi-Morumbi, 2 a 4 de julho de 2015

A *Agência Pública* tem por objetivo a produção de reportagens temáticas, exploradas de perspectivas diferentes, através de aprofundamento da causa, tendo como recurso o jornalismo investigativo. A agência é desvinculada do interesse comercial, sendo uma proposta de jornalismo independente. Nota-se que suas matérias possuem aspectos interpretativos claros, mas sem o comprometimento da informação. Destaca-se a produção de reportagens jornalísticas por meio de histórias em quadrinhos e em texto no veículo de comunicação.

Torna-se importante ressaltar o avanço do gênero de histórias em quadrinhos no jornalismo e como este tem se transformado diante das inovações tecnológicas, em especial com o uso da internet, que facilita a divulgação e amplia o alcance do conteúdo. E com a popularização dessas tecnologias, várias empresas aderiram aos recursos oferecidos pela internet. É notável o crescimento de veículos jornalísticos, como a *Agência Pública*, que recorrem à plataforma virtual, principalmente as de iniciativas independentes.

Ferramentas virtuais permitem o alcance do público-alvo e ainda tornam possível um processo interativo que democratiza a produção de conteúdo, uma vez que o público pode participar enviando sugestões ou comentando, além de agir como agente de divulgação, ao compartilhar e indicar pessoas do seu círculo social. Nesse sentido, é de suma relevância que sejam desenvolvidos estudos acadêmicos sobre o gênero, de modo a explorar a sua utilização no jornalismo atual.

A ferramenta quadrinhos aponta capacidades que atendem às novas demandas e por isso é importante que a nova geração de jornalistas, e também os que já desempenham funções, reconheçam a aplicabilidade da mesma nos veículos de comunicação atuais, principalmente, no jornalismo digital.

## **2 Metodologia**

Esse artigo analisa o uso de histórias em quadrinhos (HQs) na *Agência Pública*, tornando possível verificar como as mesmas representam um importante gênero jornalístico investigativo. Sendo assim, busca-se apresentar o modo de produção - como são construídas -, os aspectos de linguagem e a interpretação visual como produto jornalístico. Para este estudo foram selecionadas reportagens em quadrinhos da *Agência Pública* veiculadas até novembro

de 2014. Tal seleção justifica-se por auxiliar a percepção do envolvimento entre o conteúdo jornalístico e a produção de quadrinhos, inserida em um período recente, a partir de dezembro de 2013.

A partir de um levantamento aprofundado sobre o gênero jornalístico histórias em quadrinhos, e sua evolução, foi buscada a resposta para a questão principal: Como se dá o processo de apuração investigativa de reportagens em formato de histórias em quadrinhos na *Agência Pública*?; e questões secundárias: Quais ferramentas foram utilizadas para criação das HQs? Como se dá o processo de construção do conteúdo em forma de HQ? Como a *Agência Pública* relaciona a prática jornalística com o conteúdo noticioso?

Como base metodológica tem-se a Análise de Conteúdo de Bardin (1977) que se configura pelo estudo do objeto. De acordo com Ramos e Salvi (2009), a Análise de Conteúdo, proposta por Bardin, consiste em um instrumento de pesquisa que possui diversas formas adaptáveis de análise. Porém, esta análise deverá ser guiada por um roteiro pré-estabelecido.

O método foi escolhido por permitir uma maior absorção e interpretação do objeto e de como se dá o desenvolvimento da prática do jornalismo investigativo nas HQs da *Agência Pública*. Ainda segundo Ramos e Salvi (2009), o processo de Análise de Conteúdo parte de uma perspectiva metodológica para uma interpretação individual. Bardin (*apud* RAMOS; SALVI, 2009) afirma que a Análise de Conteúdo contextualiza as relações e condições envolvidas no processo de construção do produto.

Sendo assim, em um primeiro momento foi realizada a análise da mensagem de suas reportagens individuais, como corpo fechado. E, posteriormente, passa-se a uma análise de como a sua produção se relaciona com a sua prática editorial – que é investigativa, e com o relacionamento da agência com as causas sociais. A Pesquisa Bibliográfica também se fez necessária, por colaborar com a interpretação do conteúdo selecionado para análise, com base em um conhecimento científico e para estudo do meio em que o objeto de pesquisa está envolvido, conciliando o conhecimento teórico ao experimental.

Neste trabalho são evidenciados dois temas principais que embasam toda a análise, sendo eles o gênero histórias em quadrinhos e a agência de notícias *Pública*. Foram selecionadas publicações de reportagens em quadrinhos da *Agência* que consolidam o gênero

investigativo e jornalístico concomitantemente. A escolha se justifica pela acessibilidade ao conteúdo e exemplificação clara da implantação do gênero nessa modalidade jornalística, apresentando-se de modo adequado à proposta de pesquisa. Quanto à escolha do veículo, essa se justifica pela visibilidade do mesmo e pela proposta inovadora e diferenciada de produção jornalística.

### **3 O uso dos quadrinhos como jornalismo investigativo**

Os quadrinhos têm se mostrado como mais um recurso para a prática jornalística, constituindo um novo meio de transmissão da informação através de longas histórias. Sua essência inicial, condicionada ao entretenimento, pode ser modificada ou ainda explorada em outro sentido, ao aderir a um propósito mais informativo. A prática permite que se utilizem recursos visuais e textuais, de modo a ampliar o campo de visão do leitor sobre um fato.

Conforme explica Souza (2010), no passado os veículos de comunicação reclamavam um atrativo para novos leitores, que não dispunham de alta escolaridade, porém, tinham grande potencial de consumo. Começariam a se travar as primeiras disputas comerciais entre os jornais, e os quadrinhos atendiam a essa demanda pelo atrativo visual e humorístico. Nesse sentido, o gênero busca uma contextualização imagética, que aprofunda o conteúdo da reportagem ao retratá-la como uma história linear.

Essa disposição permite que sejam oferecidos mais detalhes do acontecimento, do entrevistado, do foco da reportagem, dentro de uma apuração profunda característica do jornalismo investigativo. A informação, por meio de imagens, possibilita a apresentação de fatos que nem sempre seriam abordados. A câmera, o vídeo podem oferecer essa riqueza imagética, no entanto, os quadrinhos vão além pela representação de fatos que não estão acontecendo naquele momento, há um resgate através da história oral.

Ainda assim, esta modalidade visual como continuidade da prática jornalística se mostra recente, como ressalta Corbari (2011). Medina (*apud* CORBARI, 2011) define que, no jornalismo, os gêneros são divididos de acordo com o estilo do texto. Sendo assim, estabelecem-se em:

- a) informativos, que apenas relatam o acontecimento;

- b) interpretativos, que relatam e interpretam os fatos;
- c) opinativos, que apresentam uma perspectiva;
- d) entretenimento, que se resumem a uma distração.

Os quadrinhos são, em geral, inclusos na classificação de entretenimento, porém, com o avanço do gênero e criação do jornalismo em quadrinhos, a classificação pode assumir uma nova angulação. Paim (*apud* CORBARI, 2011) propõe os quadrinhos como novo gênero jornalístico multimodal e não como ramificação de outro gênero que concilia as técnicas de jornalismo em um novo processo de produção. Nesse sentido, mais que uma continuidade do jornalismo, trata-se de uma nova prática jornalística.

Ao se produzir reportagens em quadrinhos, existe uma adaptação do gênero reportagem a essa nova proposta, porém, ao se colocar o mesmo através do método, é notável não apenas a adaptação como também a assimilação de novas características. Como exemplo, tem-se a exploração dos bastidores da notícia, que são ocultados no gênero comum e usados como ferramenta de contextualização nos quadrinhos.

Spiegelman (*apud* OLIVEIRA; PASSOS, 2006) defende que as histórias em quadrinhos representam um meio de expressão denso, em que a informação, através de imagens-código e textos simples, pode atingir seu público de modo eficiente, como abordado anteriormente. É possível explorar mais recursos para efetivar a qualidade do conteúdo, como também apresentar mais conteúdo. A imagem e o texto se complementam na apresentação da informação.

O termo jornalismo investigativo, por sua vez, segundo Sequeira (*apud* VIEDO, 2010), seria um pleonasma, uma vez que o jornalismo, a construção da notícia reclamam um processo de investigação dos acontecimentos e do fato, antes de torná-los públicos através dos veículos de comunicação. Seria um olhar aprofundado sobre o tema ou fato, como todas as reportagens deveriam fazer. Porém, é perceptível um enfoque maior sobre casos policiais, corrupção e matérias de interesse público.

Toledo et al (2007) lembram que a função e designação essencial do repórter, no sentido literal e original da palavra, é investigar e reconstruir uma história, ultrapassando o papel de descrição. Logo, já se percebem traços presentes no gênero estudado. Essa reconstrução do



Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo

II Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo  
Universidade Anhembi-Morumbi, 2 a 4 de julho de 2015

acontecimento e aprofundamento da informação são favorecidos pelo método dos quadrinhos, que reconstrói a história tal como ela foi concebida, retratando memórias, fatos e interpretações.

Há uma função social no jornalismo investigativo de denunciar as práticas ilegais na sociedade, característica presente nas produções da *Agência Pública*. Em todo o contexto histórico de produção de reportagens em quadrinhos é observável a relação com situações sociais conflituosas ou desiguais, de causas sociais que reclamam denúncia e investigação. No Brasil, a produção desta modalidade jornalística tem assumido esse caráter de denúncia de modo ainda mais claro.

Em 2009, a *Revista Fraude* elaborou uma HQ sobre o tratamento dado por policiais aos jovens que marcharam pela liberação da maconha. Em 2011, o jornal *Extra* produziu uma série em quadrinhos sobre a ocupação do Morro do Alemão pelas Unidades de Polícia Pacificadoras (UPP). A *Agência Pública*, em 2013, sobre a exploração sexual no Ceará durante os eventos mundiais.

São exemplos consistentes de HQs que recorreram ao jornalismo investigativo para denunciar condições ilegais ou que atingiam de algum modo a sociedade. Entretanto, existem autores que determinam a raridade do jornalismo investigativo nos dias atuais pelo imediatismo da informação. Dines (*apud* VIEDO, 2010) aponta que o abandono da prática se deu com a implantação de uma política empresarial nos meios de comunicação, a partir da qual era necessário informar sem se comprometer de algum modo com a causa.

Há um distanciamento do fato que tende à superficialidade em nome da objetividade. Além disso, a necessidade de uma produção rápida impede o processo longo de investigação e apuração do gênero. No caso das reportagens em quadrinhos é notável a presença do processo de apuração, ao longo de vários dias, para uma contextualização ampla e mais próxima do real, mostrando o período de tempo mais extenso para a verificação de vários lados da informação.

É preciso que a prática investigativa seja incentivada. Trazer este método para os quadrinhos é dar novas alternativas que atendam às demandas da cultura contemporânea, que devido ao tempo escasso, se informa com texto curto e imagem. Os quadrinhos conseguem conciliar uma linguagem acessível à profundidade de informação, o que reforça sua

potencialidade enquanto gênero jornalístico e, mais ainda, como gênero jornalístico investigativo.

Medeiros et al (2010) sugerem que o jornalismo investigativo pretende encontrar a essência do fato, levantando os motivos que permitiram o acontecimento, mostrando o funcionamento das esferas da sociedade envolvidas no tema, sendo de interesse público; o jornalismo em quadrinhos é totalmente coerente à prática, quando a proposta de um recorte aprofundado se forma.

Nota-se a necessidade de adequar os quadrinhos a temáticas pertinentes, distanciando-se da superficialidade do entretenimento, sendo que um fator muito importante para o jornalismo investigativo são as fontes, por isso, todas devem ser consideradas e conservadas para futuras consultas. Como fontes, o jornalismo investigativo recorre às oficiais, às regulares, às ocasionais e até mesmo aos documentos oficiais, como arquivos, conforme Corteze e Santos (2010).

Ter muitas fontes é essencial para que a apuração assimile mais faces e interpretações; buscar mais lados é dar mais informações sobre o acontecimento. Nesse sentido, nas reportagens em quadrinhos da *Agência Pública*, sobre exploração sexual, é notável a presença de todos tipos de fontes, as oficiais (polícia, gestores municipais e especialistas), as regulares (prostitutas, agenciadoras, vítimas maiores de idade), ocasionais (funcionários de bares, observadores).

E ainda, em *off* para aqueles que tem a informação fundamental para a denúncia e, por medo ou vergonha, preferem não se identificar, apesar do processo da notícia ser ilustrativo. Este tipo de fonte oculta abre uma discussão sobre a veracidade da informação, porém, para o jornalismo investigativo é essencial para a descoberta de situações ilícitas que podem colocar em risco os informantes.

É considerável dizer que as histórias em quadrinhos assumidas como reportagens podem exercer o jornalismo investigativo de acordo com a angulação que desejam dar ao tema. Como as reportagens, em geral, deveriam ser pautadas num processo de investigação antecipado, mas pelo imediatismo, nem sempre esse processo é concretizado. As HQs podem ampliar este processo com o benefício do recurso visual de contextualização da produção,



podem exercer a investigação de um tema e serem ainda mais esclarecedoras, por permitirem a visualização do meio em que se encontra o repórter e pela subjetividade do olhar de quem produz a ilustração, permitindo que o leitor se insira no fato.

#### **4 O caso da Agência Pública**

A Agência Pública, focada em jornalismo investigativo, está inserida em uma plataforma digital, sendo assim, tem a necessidade de uma valorização da imagem visual, ainda que o texto aprofundado seja seu maior diferencial. Com isso, é possível perceber que o veículo faz uso de fotografias, infográficos, ilustrações, gifs e histórias em quadrinhos (HQs). Há ainda um game e uma animação produzidos pela *Agência*, como continuidade do conteúdo jornalístico.

As fotografias, infográficos e ilustrações são conciliadas às reportagens escritas. Algumas das reportagens realizadas pela *Agência Pública* são oferecidas em dois gêneros: a reportagem escrita e a em quadrinhos. Em uma comparação entre ambos é notável a manutenção do conteúdo e eficiência da mensagem, ou ainda o acréscimo de informações de acordo com o recurso.

Através de uma Análise de Conteúdo no site da agência, é perceptível a incidência de quatro usos de Histórias em Quadrinhos:

- a) *Como um sonho ruim*: envolvendo texto, quadrinhos e infográficos e com ilustração direcionando duas reportagens escritas;
- b) *Meninas em Jogo*: uma reportagem em quadrinhos seriada em 7 capítulos;
- c) *Copa é do povo*: com a presença de texto e tira;
- d) *A história de Jáilson: um operário da copa*: reportagem em quadrinhos.

O primeiro registro de reportagem investigativa em quadrinhos realizada pela *Agência* é datado de dezembro de 2013, o que configura uma atividade recente. É a entrevista *Como um*

*sonho ruim*<sup>4</sup>. Neste caso, são utilizados dois recursos: o texto e os quadrinhos. A matéria é dividida em uma parte textual, na qual são apresentados dados e informações sobre a hiperexposição de fotos de jovens nas redes sociais; também cita casos, busca posicionamentos de especialistas.

A parte em quadrinhos da entrevista é apresentada sob o formato de uma conversa com adolescentes sobre essa exposição, com relatos pessoais e opiniões. A HQ complementa a reportagem investigativa com a posição dos jovens e aparece sob a forma de link. O ambiente criado na HQ sugere uma descontração, um bate-papo, condizente à proposta do texto e concilia a HQ com quadros contendo partes da entrevista em formato ping-pong. O recurso pode se justificar por se tratar de uma cena com pouca riqueza imagética, trata-se de uma mesa com jovens conversando.

Para que a ilustração não se repita continuamente, usam-se closes no rosto e nas mãos. Para a construção e representação dos sentimentos dos personagens envolvidos, coloca-se a cena de outro ângulo. Ilustram-se as cidades em que acontecem as entrevistas e a parte textual complementa a parte informativa. A reportagem é assinada por Andrea Dip e Giulia Afiune, como repórteres representadas na história e Alexandre de Maio, como ilustrador.

A segunda HQ se aprofunda mais no gênero reportagem investigativa e é dividida em cinco capítulos. Intitulada *Meninas em Jogo*<sup>5</sup>, trata-se de uma reportagem de denúncia e investigação sobre a exploração sexual infantil no Ceará. A HQ busca retratar todo o processo jornalístico investigativo, desde a conversa e definição da pauta, até a viagem ao local de apuração.

São apresentados os diálogos entre os repórteres e todos os passos na entrevista. Nota-se ainda um espaço para a opinião dos mesmos sobre os dados coletados. A partir do uso de recursos visuais é feita toda uma reconstituição dos caminhos dos repórteres, da investigação. São explorados cenários e contexto, de modo que o leitor se insira dentro da construção da reportagem.

---

<sup>4</sup>Disponível em: <<http://apublica.org/2013/12/jornalismo-em-quadrinhos-adolescentes-internet-selfie>>. Acesso em: 3 mar 2015.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://apublica.org/2014/05/hq-meninas-em-jogo>>. Acesso em: 3 mar. 2015.

Esta série de reportagens investigativas foi apoiada pelo *Projeto Tim Lopes de Jornalismo Investigativo* que, segundo depoimento de Andrea Dip, disponível no site da *Agência*, permitiu que tivessem condições para abordar um tema difícil, da melhor forma possível. A HQ traz informações sobre como denunciar e a quem recorrer, quais os procedimentos; isso ao mesmo tempo em que traz posições de responsáveis na área, como membros do conselho tutelar, ONGs e polícia.

A abordagem se faz também com testemunhas, vizinhos de cabarés ou funcionários, meninas que sofrem a exploração (com nomes alterados, quando menores) e mulheres que já passaram pela prostituição e ainda veem na prática sua sobrevivência. A questão principal fundamentada pela série é a influência de grandes eventos mundiais, como a Copa, no fortalecimento e incentivo ao Turismo Sexual no Brasil.

É possível visualizar todo o processo de investigação jornalística da agência. É mostrada a migração de mulheres de outros estados para as cidades-sede dos jogos e a presença crescente de estrangeiros que buscam a prostituição e o consumo de drogas ilícitas. Ainda que o foco seja a exploração sexual, a reportagem investigativa se abre para outros temas correlacionados, como o tráfico, as desigualdades sociais, as faltas de oportunidades de trabalho, o machismo e o abandono infantil. A produção e reportagem são assinadas por Andrea Dip e as ilustrações por Alexandre de Maio.

O uso dos quadrinhos mais recente pela agência é registrado no anúncio do especial *A Copa é do povo*, de junho de 2014, que agrega uma série de outras reportagens que abordam as consequências do evento esportivo em vários campos sociais. Logo na apresentação há uma tirinha de três quadros representando as dificuldades de busca da jornalista Andrea Dip por informações das fontes oficiais sobre os problemas gerados pelo evento esportivo. Em seguida, em 14 de julho de 2014, é apresentada a reportagem em quadrinhos *A história de Jaílson: um operário na Copa*<sup>6</sup>, parte do especial.

Nesta, há grande uso de ilustrações, até mesmo das memórias do personagem. A HQ conta a trajetória de Jaílton, um pedreiro que trabalhava nas obras de um estádio e que morava

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://apublica.org/2014/07/a-historia-de-jailson-um-operario-da-copa>>. Acesso em: 3 mar. 2015.

em uma comunidade que seria desocupada pela expansão das obras em torno do mesmo estádio. Jaílton vivia um drama por ter que trabalhar para sustentar a família em algo que eliminaria sua casa e seu bar, um pequeno empreendimento.

No decorrer da história são levantadas as dificuldades da saúde pública, já que Jaílton possui um filho com deficiência; de segurança, representada pela abordagem desrespeitosa da polícia pacificadora com o operário; e a vinda do personagem da Bahia, em busca de melhores condições. Toda a representação gráfica é repleta de ilustrações de cenários, porém, nota-se o foco principal sobre Jaílton e sua personalidade.

Novamente, os *closes* são utilizados e auxiliam no reforço da dramatização da experiência pela qual o personagem passa. A narração do repórter também é carregada de palavras que reforçam a construção da infelicidade e indignação do pedreiro com sua condição de dignidade humana reduzida. A reportagem foi ilustrada por Álvaro Maia e redigida e produzida por Ciro Barros.

Em suma, é considerável notar que no gênero quadrinho, em especial, tem-se a oportunidade de ampliação da perspectiva de como é realizada uma reportagem investigativa, desde os primeiros desafios até a apuração final. Outro aspecto relevante da proposta é a possibilidade de contextualização visual da matéria, sem que se utilizem recursos audiovisuais, como em reportagens televisivas.

A produção em quadrinhos permite que o leitor assimile o contexto através das imagens e construa o cenário de atuação dos repórteres, além de perceber a notícia por um ponto de vista subjetivo do artista, inserindo-se no papel do mesmo ao absorver uma mesma percepção. Quanto ao processo desenvolvido, nota-se a incidência de características do jornalismo investigativo. Em todas as HQs produzidas pela *Pública* há uma ampla busca por fontes e captação de informações contextuais e oficiais.

Ao desenvolver as histórias dos personagens, que geralmente não são o foco da reportagem, a *Pública* permite mais interpretações sobre o fato, além de trazer dados e estatísticas sociais que nem sempre são divulgadas. Toda a apuração desenvolvida pela *Agência*, quando em formato HQ, permite uma dupla contextualização: o leitor absorve os

traços do cenário e condições do acontecimento pela imagem e pelo texto, pela fala do entrevistado.

Além de recuperar fatos da rotina jornalística, durante a produção da informação, que normalmente seriam ocultados. *A Pública* permite que o leitor se inclua durante todo o percurso da notícia. Ele compreende como se deu a ideia de transmissão daquele fato, durante a reunião de pauta, por exemplo, situação retratada em *Meninas em Jogo*. O leitor compreende melhor as escolhas, a angulação e o objetivo da reportagem, ao notar-se como inserido no processo.

Tal qual a narrativa literária – também presente na prática investigativa, os quadrinhos possibilitam que se conte uma história de modo linear e organizado, a partir dos acontecimentos. Torna-se mais fácil entender e compreender a notícia por ser possível acompanhar os passos para chegar até a mesma. O processo de conclusão do fato é em conjunto e não entregue de imediato.

## **5 O processo de produção das HQs investigativas**

O processo de produção das reportagens em quadrinhos da *Agência Pública* é realizado em conjunto entre cartunista e repórter. Foi realizada uma entrevista com Alexandre de Maio, cartunista da *Agência Pública*, que afirma que essa atuação conjunta entre repórter e cartunista se dá desde a seleção de pautas até a produção da matéria, efetivamente. Maio ainda explica que a sua atuação é também de repórter, que escuta as fontes e participa do desenvolvimento da matéria, durante o processo investigativo.

Segundo o cartunista, para que a prática se consolide como jornalismo em quadrinhos é preciso que o ilustrador assuma a participação ativa na construção do produto. Na reportagem *Meninas em Jogo* a atuação de Maio foi desde a criação da pauta até a indicação das fontes utilizadas. Tal consideração acerca da delimitação entre função de jornalista e cartunista se assemelha ao caso de Joe Sacco, pioneiro do jornalismo em quadrinhos, que antes de desenvolver o jornalismo em quadrinhos, atuava como repórter de um jornal.

Essa combinação permite que se assimilem características jornalísticas presentes em seus gêneros - como o de reportagem -, conciliando à linguagem dos quadrinhos - que é visual -, sem que se perca a função de informar sobre determinado tema. Nesse sentido, Maio defende

que uma das dificuldades de uma produção mais significativa e quantitativa de jornalismo em quadrinhos no Brasil é justamente a necessidade de profissionais da área da ilustração e *cartoom* ou charge dominarem os conhecimentos da área jornalística. Por isso, a importância da combinação de ambos os campos.

Quanto à atuação do mesmo enquanto cartunista, especificamente, Maio explica que para reproduzir a realidade, o mesmo recorre a registros fotográficos e procura participar da apuração. Como se trata de uma reprodução ilustrada da realidade, Maio diz que o conflito de imparcialidade, presente no jornalismo, se repete: “A ideia é [...] tentar captar a essência da reportagem, e como geralmente o espaço e o tempo para fazer uma reportagem são curtos, a gente precisa valorizar bem cada espaço. Eu tento ver o que aquela pauta pede, o que precisa ser mostrado e que vai complementar o texto, o depoimento”.

Para o cartunista, a função do jornalista é retratar a realidade e a do ilustrador também. E as informações dispostas em desenhos serão complementares à fala do entrevistado. O jornalismo em quadrinhos permite a compactação de informações em texto e em imagem. Concede mais conteúdo, através das imagens, que poderia ser perdidos no texto. Maio conta que o desenho permite dar informações sobre o tempo, por exemplo, sobre um dia chuvoso, que poderiam não “aparecer” na fala do entrevistado.

Ainda que o trabalho de Maio seja pautado por uma representação mais próxima da realidade, o cartunista explica que existem situações particulares em que se recorre a ilustração inventada, porém com algum vínculo ao real. Como caso específico, Maio lembra as entrevistas com menores realizadas para a reportagem *Meninas em Jogo*, em que não se podia mostrar os rostos das menores envolvidas em exploração sexual e prostituição.

Porém, o cartunista conta que procurou representar a sua percepção sobre as meninas, sobre como elas falavam, já que participara das entrevistas: “A reportagem tem esse compromisso de mostrar a realidade, então, por mais que eu tenha que imaginar uma coisa que não possa ser mostrada, como a identidade de uma pessoa, eu tento encaixar ali uma coisa próxima, uma coisa que não perca a emoção de mostrar a pessoa falando, mas que também não a identifique”.

Ainda sobre a questão da subjetividade da representação ilustrada, Maio defende que nesse tipo de construção não há uma função opinativa ao se reproduzir a matéria em quadrinhos, exatamente. Segundo o cartunista, o propósito da utilização do recurso é outro: “É usar o quadrinho para dar visibilidade para uma causa importante, é usar o jornalismo para mostrar uma realidade, usar o quadrinho pra que as pessoas prestem mais atenção. Talvez se fosse em texto, as pessoas teriam mais dificuldade”.

Realizada a apuração e coleta de informações, passa-se à formação da reportagem. Quanto ao processo de produção, de fato, Maio explica que toda a ilustração é feita manualmente, de acordo com o que acompanhou, e com registros fotográficos que realiza durante as entrevistas. O cartunista reconstrói todo o desenvolvimento da matéria, inclusive a reunião de pauta e diálogos entre os jornalistas produtores do conteúdo. Com a elaboração destes primeiro esboços, Maio digitaliza os desenhos e os colore através do *Adobe Photoshop* e adiciona os textos e falas dos entrevistados.

## **6 Considerações finais**

É sempre necessária uma abordagem dos quadrinhos para o ambiente acadêmico, ampliando o reconhecimento de suas capacidades comunicacionais que ultrapassam o campo do entretenimento para a informação. Com a exploração do mesmo como gênero opinativo e investigativo, pode-se perceber a sua flexibilidade e adaptabilidade a diversas modalidades textuais e propostas, desde uma entrevista até longas reportagens. É um recurso que se adequa a todos os campos do Jornalismo.

Os quadrinhos possuem como principal característica o seu aspecto visual. O gênero permite uma contextualização da realidade com imagens, que são uma demanda crescente para o fazer jornalístico na atualidade. Ao oferecer a informação com a contextualização visual do real e disposição linear de acontecimentos, os quadrinhos entregam ao leitor uma informação completa, ao mesmo tempo em que facilitam o seu entendimento.

Além disso, tem-se ainda a linguagem dos balões, que é próxima do diálogo oral, novamente facilitando a compreensão daquele que recebe a informação. Outro aspecto

relevante é a sua narrativa, os quadrinhos exploram o acontecimento como uma história linear. Essa disposição permite que o leitor organize a informação mentalmente, além de se aproximar e se identificar com o fato, uma vez que acompanha o personagem/jornalista em toda a sua trajetória da construção da notícia e compreende melhor a situação em uma visão mais ampla.

Os quadrinhos já provaram sua potencialidade na mídia brasileira, o caso da *Agência Pública* é um exemplo. A *Agência* apresentou através de suas reportagens em quadrinhos as possibilidades do gênero. A sua aplicação concede ao jornalismo brasileiro a comprovação do uso dos quadrinhos para o jornalismo. Além de apontar diretrizes para a sua utilização, como a exploração dos bastidores, incluindo as reuniões de pauta, a produção das entrevistas, que agregam mais características da realidade a ainda a sua divulgação nas plataformas virtuais.

É possível que o recorte da realidade praticado em qualquer atividade jornalística seja reinventado para que o leitor tenha mais traços e lados do real para compor sua própria interpretação, informando também com imagens, ainda que sejam ilustradas. Ao se fazer jornalismo em quadrinhos é possível compactar as informações textuais - pelo texto próximo da fala - e explorar informações que poderiam ser ocultadas, apresentada através das imagens.

### Referências bibliográficas

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Editora Edições 70, 1977.

CORBARI, Marcos Antônio. **Jornalismo em quadrinhos**: reflexões sobre a utilização da arte sequencial como suporte ao conteúdo jornalístico [Trabalho de Conclusão de Curso]. CESNORS - Centro de Educação Superior Norte. Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: <<http://decom.cesnors.ufsm.br/tcc/files/2011/09/TCC-marcos-corbari.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

CORTEZE, Priscila de Abreu; SANTOS, Marielle Sandalovski. O jornalismo investigativo e “O trabalho dos cortadores de cana” - Profissão Repórter. **VI Conferência Brasileira de Mídia Cidadã**. Paraná, 2010. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/redemc/2010/Artigos/O%20JORNALISMO%20INVESTIGATIVO.pdf>>. Acesso em: 11 de jun. 2015.

MEDEIROS, Clarissa Pippi. ALVES, Gilson. & MENEZES, Matheus Rivé Boia. Jornalismo Investigativo e Policial: os bastidores da produção jornalística de assassinatos em série e crimes que abalaram a sociedade. **Revista Anagrama**, São Paulo, 2010. Disponível em: <[http://www.usp.br/anagrama/Rive\\_jornalismoinvestigativo.pdf](http://www.usp.br/anagrama/Rive_jornalismoinvestigativo.pdf)>. Acesso em: 8 nov. 2014.





Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo

II Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo  
Universidade Anhembi-Morumbi, 2 a 4 de julho de 2015

OLIVEIRA, Ana Paula Silva; PASSOS, Matheus Yur. Joe Sacco: Jornalismo Literário em quadrinhos. **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Brasília-DF, de 6 a 9 de setembro de 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/r1126-2.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2014.

RAMOS, Rita de Cássia de Souza Soares; SALVI, Rosana Figueiredo. Análise de conteúdo e análise do discurso em educação matemática – um olhar sobre a produção em periódicos. **IV Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática**. Brasília, 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/grupo-pesquisa/ifhiecem/arquivos/9GT94689598053.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

SOUZA Jr., Juscelino Neco de. **Imagem Narrativa e Discurso da Reportagem em quadrinhos de Joe Sacco** [Dissertação de Mestrado]. Universidade de Santa Catarina - Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Florianópolis, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/94406/283581.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 24 out. 2014.

TOLEDO, Camila Ferraz Mattos et al. Jornalismo Investigativo e sua substituição pela prática declaratória. **XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Santos, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1277-1.pdf>>. Acesso em: 8 nov. 2014.

VIDEDO, Diego Ianzer. **Jornalismo investigativo e processos de apuração**: um estudo das reportagens do jornalista Giovani Grizotti [Trabalho de Conclusão de Curso]. UNIFRA. Santa Maria, RS, 2010. Disponível em: <<http://lapecejor.files.wordpress.com/2011/04/diogo-ianzer-viedo.pdf>>. Acesso em: 8 nov. 2014.